



A Santa Sé

PRIMEIRAS VÉSPERAS DA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS E TE DEUM DE ACÇÃO DE GRAÇAS PELO ANO QUE PASSOU

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Basílica Vaticana

Domingo, 31 de dezembro de 2017

[Multimídia]

«Quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho» (Gl 4, 4). Esta celebração vespertina respira a atmosfera da *plenitude do tempo*. Não porque estamos na última tarde do ano solar, longe disso, mas porque a fé nos leva a contemplar e a sentir que Jesus Cristo, Verbo que se fez carne, conferiu plenitude ao tempo do mundo e à história humana.

«Nascido de uma mulher» (v. 4). A primeira que experimentou este sentido da plenitude conferida pela presença de Jesus foi precisamente a «mulher» da qual Ele «nasceu». A Mãe do Filho encarnado, *Theotokos*, Mãe de Deus. Através dela, por assim dizer, brotou a plenitude do tempo: através do seu Coração humilde e cheio de fé, mediante a sua carne, totalmente imbuída de Espírito Santo.

Dela a Igreja herdou e herda continuamente esta compreensão interior da plenitude, que alimenta um *sentido de gratidão*, como única resposta humana digna da imensa dádiva de Deus. Uma gratidão apaixonada que, a partir da contemplação daquele Menino envolto em faixas e colocado numa manjedoura, se estende a tudo e a todos, ao mundo inteiro. É uma ação de “graças” que reflete a Graça; não provém de nós, mas dele; não vem do eu mas de Deus, envolvendo o eu e o nós.

Nesta atmosfera criada pelo Espírito Santo, nós elevamos a Deus a *ação de graças pelo ano que*

chega ao fim, reconhecendo que todo o bem é seu dom.

Inclusive este tempo do ano de 2017, que Deus nos tinha concedido íntegro e saudável, nós humanos o desperdiçamos e ferimos de tantas maneiras, com obras de morte, com mentiras e injustiças. As guerras são o sinal flagrante deste orgulho recorrente e absurdo. Mas são-no também todas as pequenas e grandes ofensas contra a vida, a verdade e a fraternidade, que causam múltiplas formas de degradação humana, social e ambiental. Por tudo isto queremos e devemos assumir, diante de Deus, dos irmãos e da criação, a nossa responsabilidade.

Mas nesta tarde predominam a graça de Jesus e o seu reflexo em Maria. E, por isso, prevalece a gratidão que, como Bispo de Roma, sinto na alma, pensando nas pessoas que vivem com o coração aberto nesta cidade.

Tenho um sentimento de simpatia e de gratidão por todas aquelas pessoas que, cada dia, *contribuem com gestos pequenos mas preciosos para o bem de Roma*: procuram cumprir da melhor maneira o seu dever, movem-se no trânsito com critério e prudência, respeitam os lugares públicos e indicam aquilo que não funciona, estão atentas às pessoas idosas ou em dificuldade, e assim por diante. Estes e milhares de outros comportamentos exprimem concretamente *o amor pela cidade*. Sem discursos, sem publicidade, mas com um estilo de *educação cívica praticada na vida quotidiana*. E assim cooperam silenciosamente para o bem comum.

De igual modo, sinto em mim uma grande estima pelos pais, pelos professores e por todos os educadores que, com este mesmo estilo, procuram formar as crianças e os jovens para o sentido cívico, para uma ética da responsabilidade, educando-os a fim de que se *sintam parte, cuidem e se interessem* pela realidade que os circunda.

Embora não sejam notícia, estas pessoas constituem a maior parte dos habitantes que vivem em Roma. E entre elas não poucas vivem em condições de dificuldade económica; e no entanto não se põem a chorar, nem alimentam ressentimentos nem rancores, mas esforçam-se por fazer todos os dias a sua parte para melhorar um pouco a situação.

Hoje, na ação de graças a Deus, convido-vos a manifestar também o reconhecimento por todos estes *artífices do bem comum*, que amam a sua cidade não com palavras, mas com gestos.